

Publicado originalmente em inglês sob o título *Ancient Empires – From Mesopotamia to the Rise of Islam*, pela Cambridge University Press.  
 © 2011, Cambridge University Press.  
 Direitos de edição e tradução para o Brasil.  
 Tradução autorizada do inglês.

© 2012, Madras Editora Ltda.

**Editor:**  
 Wagner Veneziani Costa

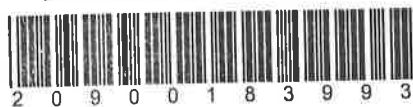
**Produção e Capa:**  
 Equipe Técnica Madras

**Tradução:**  
 Getúlio Schanoski Jr.

**Revisão da Tradução:**  
 Renata Argarate

**Revisão:**  
 Silvia Massimini Felix  
 Neuza Rosa  
 Renata Brabo

DEDALUS - Acervo - FFLCH



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
 (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cline, Eric H.  
 Impérios antigos: da Mesopotâmia à origem do Islã / Eric H. Cline,  
 Mark W. Graham; tradução Getúlio Schanoski Jr. — São Paulo: Madras, 2012.  
 Título original: Título original: Ancient Empires

ISBN 978-85-370-0816-5

1. Civilização antiga 2. Civilização clássica  
 3. Civilização islâmica 4. Imperialismo I. Graham,  
 Mark W.. II. Título.

12-13419 CDD-930

Índices para catálogo sistemático:

1. Impérios antigos: História 930

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



**MADRAS EDITORA LTDA.**

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana  
 CEP: 02403-020 — São Paulo/SP  
 Caixa Postal: 12183 — CEP: 02013-970  
 Tel.: (11) 2281-5555 — Fax: (11) 2959-3090  
[www.madras.com.br](http://www.madras.com.br)



*Dedicado às nossas famílias, nossos alunos passados, presentes e futuros, e a todas as turmas de alunos IHUM (cursos de Ciências Humanas).*

O Egito do Velho Reino entrou em colapso em 2134 a.C., em meio a um conflito dinástico e a afirmação vigorosa dos nobres locais. Alguns deles começaram a construir tumbas ainda maiores do que as dos faraós, sugerindo uma autonomia local cada vez mais forte que, por fim, passou a abalar a autoridade central (ou que talvez tenha surgido em função de seu enfraquecimento). Algumas pessoas também indicam uma série de estações anuais desastrosamente ruins do Nilo, que provavelmente ajudaram a desafiar a autoridade central.

Um período de relativa fragmentação, conhecido como o Primeiro Período Intermediário, veio imediatamente após o colapso do Velho Reino. Houve certa consolidação logo depois com o advento do Médio Império (2025-1550 a.C.). No geral, o Médio Império foi um período de divisões internas e realizações medíocres, se não totalmente esquecíveis, do ponto de vista político e econômico. Os anos finais do Médio Império, entre 1720 e 1550 a.C., foram dominados pelos misteriosos “regentes de terras estrangeiras”, os hicsos. As origens desses invasores já foram bastante discutidas, mas existe hoje um consenso de que eles eram semitas, provavelmente da região de Canaã, localizada no norte do Egito. A retirada deles foi forçada por uma família egípcia nativa de Tebas e marcou o início do Egito do Novo Reino, um período de vasta expansão e domínio imperial.

Em alguma outra parte do Oriente Próximo, os registros históricos são mais difíceis de ser compreendidos, mas algumas indicações apontam para certos padrões familiares. Na Anatólia, um conglomerado de cidades-estados surgiu no século XX a.C. Durante o século XIX, parece que as cidades-estados de cultura semelhante foram brevemente unificadas formando um só estado, antes que fossem assoladas por uma divisão causada por uma guerra civil. No século XVIII, percebeu-se, mais uma vez, um grau de unidade, mas os séculos seguintes são nebulosos. Não se sabe muita coisa até o século XV, quando um verdadeiro império hitita se concretizou quase ao mesmo tempo em que o Egito do Novo Reino e outros reinos poderosos e duradouros por todo o Oriente Próximo.

No Levante do terceiro e do início do segundo milênios surgiram algumas cidades-estados prósperas como Ebla. Eruditos discutem a abrangência dessas cidades-estados por meio de seu desenvolvimento interno ou da reação de fatores externos como, por exemplo, o comércio de longa distância ou a expansão do domínio dos primeiros impérios da Mesopotâmia, incitando a reação local e a formação das cidades-estados. (Essa última dinâmica, conhecida como formação de estados

secundários, é explorada em diversos capítulos posteriores.) A iniciativa de se consolidar acima do nível das cidades-estados, porém, veio de dentro do Levante, durante esse período ou em séculos posteriores.

#### ENTRE AMARNA E KADESH: *REALPOLITIK*, O ESTILO DE GOVERNO DA FORÇA DA IDADE DO BRONZE

Tendo sido iniciada por volta de 1500 a.C., se não um pouco antes, a história da Era do Bronze não pode mais ser apenas contada em partes isoladas. A partir desse ponto, até pouco depois de 1200 a.C., todas as regiões do Oriente Próximo, e até mesmo áreas além dali, foram integradas pelo primeiro sistema internacional da história, uma era de Governo da Força [do alemão, *realpolitik*] e grandes poderes. Nesse período, geralmente chamado de Final da Idade do Bronze, diversos impérios, reinos e grandes estados territoriais influentes – na Mesopotâmia, no Egito, na Anatólia, ao leste do Tigre e no Mar Egeu – surgiram, aliaram-se, lutaram e, então, desapareceram quase ao mesmo tempo. No Levante, cidades-estados como Jerusalém, Alepo e Damasco geralmente se viam presas entre as idas e vindas de políticas de grande força. A feliz sobrevivência de um arquivo em Tell el-Amarna no Egito nos oferece uma ideia incomparável das relações internacionais e da política da força.

As interações entre seis grandes lugares específicos – em termos de comércio, diplomacia e guerra – definiram essa era. Um breve estudo de cada poder nos ajudará a situar a extensão da integração entre eles, começando pelos dois maiores impérios que surgiram na Idade do Bronze. O Egito do Novo Reino, iniciado com a expulsão dos hicsos em 1550 a.C., produziu um império que se estendia do sul do Sudão até o norte do Levante. Um sinal bastante visível do impulso ideológico por trás dessa expansão foi a enorme proliferação de templos em honra ao seu deus principal da conquista e dos impérios, Amon-Rá. Nas regiões centrais do Egito, assim como nas periferias dispersas e cada vez maiores, templos de Amon-Rá proclamavam um império mundial. O regente do Novo Reino quase sempre aparece em obras de arte e de literatura como um guerreiro, conquistando em nome de Amon-Rá.

Um dos conquistadores mais importantes da era foi Tutmés III (r. 1479-1425 a.C.), que levou a expansão egípcia até o sudoeste da Ásia, expandiu as fronteiras egípcias até o Levante e alcançou até mesmo os confins da Núbia, a única grande região produtora de ouro da Idade do Bronze. Ele lutou contra uma coalizão de cidades-estados do Levante

na Batalha de Megido (1479 a.C.), que é considerada um dos pontos decisivos da história mundial, que confirma o Egito como a força dominante na África e no Oriente Próximo. O relato da batalha ressalta o papel importante de Amon-Rá:

Sua majestade [Tutmés III] ordenou que [as vitórias que seu pai Amon lhe oferecera] fossem estabelecidas [sobre] um monumento no templo que sua majestade erguera para [seu pai Amon, no intuito de depositar] cada campanha individual, junto com o espólio que [sua majestade] trouxe [de sua investida, e os impostos de] cada [país estrangeiro] que seu pai Rá lhe oferecera (...) possa partir deste lugar, com heroísmo, [vitorioso], com poder e justiça, para ser capaz de derrubar aquele desventurado inimigo e estender as fronteiras do Egito, segundo a ordem de seu pai Amon-Rá, o [corajoso] vitorioso, que ele deve prender.<sup>16</sup>

O império hitita surgiu quase um século depois do Egito do Novo Reino. Na última parte do século XV a.C., os hititas começaram a se expandir de sua capital Hattusa até o Eufrates e o Levante, onde foram enfrentados por uma coalizão do Egito e o reino sírio de Mitanni. Eles deram início a uma longa guerra por procuração em que as Grandes Potências passaram a lutar por intermédio de vassallos e protetorados. Durante o reinado de Suppiluliuma I (r. 1344-1322 a.C.), o império se estendia da costa oeste do Egeu até o Líbano e as nascentes na região leste do Eufrates. Suppiluliuma deu início a uma campanha bem-sucedida contra o poderoso reino de Mitanni, chegando inclusive a saquear sua capital. Na verdadeira forma política da força, ele, então, firmou relações amigáveis com seu inimigo de outrora, o Egito do Novo Reino, durante o reinado de Akhenaton (r. 1350-1333 a.C.) ou de Tutancamon (r. 1333-1323 a.C.). Contudo, as relações de amizade não duraram muito tempo, já que os dois lados usaram cidades-estados do Levante em sua disputa, por fim chegando à Batalha de Kadesh no Rio Orontes na Síria, em 1274 a.C.

Essa batalha se destaca como o primeiro combate de “superpotências” do mundo, contrapondo dois impérios poderosos e emergentes entre si. O Egito do Novo Reino contra o império hitita. Essa também é a primeira batalha na história de que temos relatos preservados dos dois lados – sendo que ambos afirmam ter sido vitoriosos. A maior parte dos eruditos concorda que os hititas de fato venceram, mas essa não foi uma guerra de aniquilação; o equilíbrio e a equanimidade de poderes voltaram em alguns poucos anos, sendo que as fronteiras dos dois impérios ficavam agora mais ou menos definidas na localização de Kadesh.

16. Pritchard, ANE, 175-176.



1.8. Templo funerário de Ramsés II em Abu Simbel. Foto de Lynette Miller.

Os egípcios foram liderados pelo faraó Ramsés II, um importante guerreiro e notável construtor que ergueu inúmeros templos a Amon-Rá nas periferias do Egito como, por exemplo, o famoso Abu Simbel na Núbia (fig. 1.8). Esse templo também celebrava sua suposta vitória na Batalha de Kadesh.

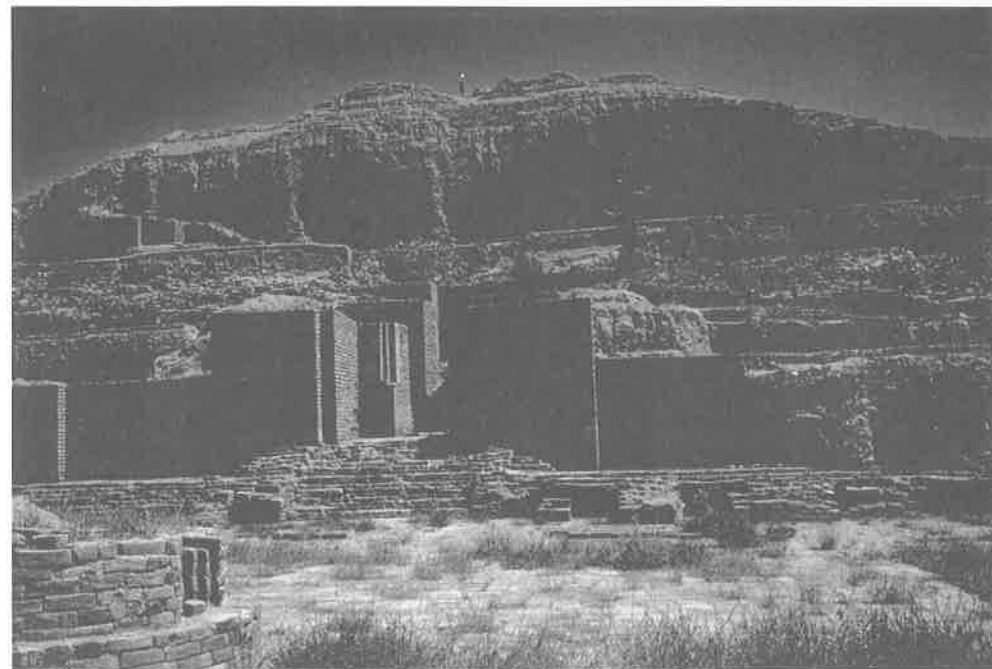
O rei hitita em Hattusa, conhecido como o Grande Rei, era a figura religiosa, militar e política central. Principal sacerdote de todos os deuses, ele viajava por todo o seu reino em campanha para presidir os principais festivais religiosos ao longo do ano. Outros títulos como “Meu Sol” e “O Herói” revelam sua centralidade no sistema ideológico. Na realidade, ele não era visto como divino, mas como muito próximo dos deuses, tendo se unido a eles após sua morte. Na verdade, o termo hitita usado para descrever a morte de um rei literalmente significa “tornar-se um deus”. Seu sucesso nas guerras não apenas garantia um abastecimento de tributos e guerreiros, mas também demonstrava o favorecimento dos deuses em relação ao seu governo e realeza.

O império hitita se manteve unido por meio de uma série de juramentos e tratados, muitos dos quais sobrevivem em diversos arquivos até os dias de hoje. Sob o Grande Rei havia toda uma série de reis locais inferiores, seus vassalos. Seus juramentos eram prestados diante do tribunal imperial em Hattusa e diante de líderes militares em nome dos deuses hititas, demonstrando as facetas ideológicas, militares e políticas de sua dependência do Grande Rei. Os vassalos forneciam tropas e lutavam em seu nome, ofereciam artigos para a celebração dos cultos hititas e pagavam tributos anuais. O Grande Rei, em resposta, concedia propriedades às famílias mais importantes. O sistema se manteve preservado enquanto duraram esses juramentos ou alianças.

Uma guerra que envolveu um dos vassalos hititas foi eternizada e mistificada nos famosos contos antigos da Guerra de Troia, umas das inúmeras batalhas e combates do Final da Era do Bronze. Provavelmente apenas algumas décadas depois da Batalha de Kadesh, o reino micênico do Egeu ocidental investiu com força contra a inferior cidade-estado de Troia, um vassalo ou “servo” dos hititas na costa ocidental da Anatólia. O restante é história – e muito mais.

Do norte da Síria, o reino de Mitanni deu início a uma expansão que finalmente o levaria para além do Tigre e até a Anatólia. Quando Mitanni de fato começou é algo não muito claro; suas primeiras menções estão nos arquivos egípcios, tendo se desenvolvido entre os séculos XVIII e XV a.C. Seu primeiro grande rei, Parrattarna (r. início do século XV), teve uma série de reis vassalos sob ele. Mitanni dominou o norte da Síria na metade do século XIV, quando se tornou um grande rival do Egito, lutando principalmente por meio de uma guerra de procuração por intermédio dos vassalos do Levante. No fim daquele século, Mitanni já tinha se aliado ao Egito, mas, pouco tempo depois, foi dominado pelo império hitita. O reino foi, então, dividido em sua essência entre os hititas ao oeste e os assírios ao leste.

Na Babilônia, os cassitas, provavelmente do leste da Mesopotâmia, tomaram posse do trono depois de um período de fragmentação que aconteceu ali durante até quase a época de Hamurábi. Eles conseguiram controlar a parte política da Babilônia, mas a cultura local era forte demais para que os cassitas pudessem se firmar ali com sua própria cultura. Veremos essa tendência mais tarde com a Babilônia, conforme ela sofre influências de diversos impérios estrangeiros e, ainda assim, recusa-se a se curvar culturalmente demais aos regentes de fora. Ao se erguer contra o poder assírio cada vez mais forte, sua influência se enfraqueceu por volta do século XIII.



**1.9. Complexo elamita. Faculdade Byrn Mawr (MIM-03757). Fotografado por Machteld Johanna Mellink.**

A princípio, a Assíria era uma região de pequenas cidades-estados que se tornou um estado territorial maior no século XIV. Eles eram mestres de campanhas e diplomacia, em especial nessa última área, apesar de suas obras de arte proclamarem, de modo consistente, apenas a habilidade anterior. Seu poder acabou eclipsando o de Mitanni e da Babilônia dos cassitas. Seu primeiro regente importante, Assur-Uballit (r. 1363-1328 a.C.), juntou uma vasta região à capital de Assur.

Na parte extrema leste do Oriente Próximo, além da Mesopotâmia, o reino de Elão surgiu como uma peça importante, embora provavelmente a mais fraca dos seis principais locais de poder nessa era de governo da força. No século XIV, o reino conseguira reverter esse longo período de fragmentação para agir como um governo centralizado, embora não se saiba tanto a respeito desse reino quanto dos outros. Os elamitas ficaram conhecidos, porém, por sua técnica de construção duradoura; na verdade, até os dias de hoje, o zigurate mais bem preservado é elamita, localizado em Chogha Zanbil na província de Khuzistão no Irã (fig. 1.9).

Uma das características centrais do Final da Era do Bronze – além de bastante positiva para os estudiosos atuais – era o frequente intercâmbio e

comunicação entre os principais elementos e entre os mais importantes centros e as cidades-estados menores, seus vassallos. As cartas, gravadas em paletas de argila durável, foram preservadas em diversos arquivos por todo o Oriente Próximo. Uma indicação de poder relativo sempre aparece de maneira clara nas cartas assim que são estabelecidos; as principais potências normalmente se dirigem umas às outras como “irmãos” e as de menor poder, assim também como as cidades-estados, como “servos”.

O arquivo descoberto em Tell el-Amarna, Egito, foi especialmente útil na elucidação dessa era. O faraó Akhenaton/Amenhotep IV (r. 1350-1333 a.C.) construiu uma nova capital imperial em Akhenaton ou Tell el-Amarna, baseada em parte em uma conversão religiosa bizarra. Ao afirmar que Aton, o disco solar, era o deus superior – se não o único deus –, ele construiu Akhenaton como uma capital isolada e um templo ao ar livre para seu deus. O local (assim como sua reforma religiosa) foi abandonado logo após sua morte e permaneceu assim preservando uma rica coleção de intercâmbios diplomáticos a partir da metade do século XIV. Aproximadamente 350 paletas de argila documentam as relações políticas do Egito, sendo que a maior parte com diversas cidades-estados subordinadas do Levante. Esses registros se referem ao faraó como um senhor divino e mostram uma evidente forma de submissão. As cartas são bastante formalistas, com um padrão evidente de servilismo em destaque:

Ao rei, meu senhor, o deus Sol dos céus. Assim, Zatatna, príncipe de Accho [Acre], vosso servo, o servo do rei, e a terra [sob] seus dois pés, o chão que ele pisa. Aos dois pés do rei, meu senhor, o deus Sol dos céus, sete vezes, sete vezes eu caio, tanto passível quanto passivo. Que o rei, meu senhor, ouça a palavra que seu servo [Zir]damyashda tirou de Biryawaza.<sup>17</sup>

Quase 40 das paletas são dos “Grandes Reis” e mostram as outras principais potências relacionadas ao Egito. A linguagem dessas cartas é aquela usada por irmãos e amigos. Em uma carta do rei de Mitanni ao faraó do Egito:

Diga a Nimmureya, rei do Egito, meu irmão, meu genro, quem eu amo e quem me ama; Tushratta, rei de Mitanni, que te ama, seu sogro, diz: “Tudo está bem comigo. Que tudo esteja bem com você. Que tudo esteja bem em sua casa”.<sup>18</sup>

Então, a carta prossegue com um pedido formal.

17. Pritchard, ANE, 262-263.

18. William L. Moran, *The Amarna Letters* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992), 61-62.



1.10. Akhenaton, Nefertiti e seus filhos abençoados por Aton. Werner Forman/Recurso de Arte, NY.

A linguagem da maioria das cartas apresenta os Grandes Reis como líderes coletivos de uma única comunidade internacional maior (alguns a descrevem como a linguagem de uma “grande família”). Alianças matrimoniais, trocas de presentes e pedidos de ouro e outros materiais preciosos predominam nas cartas de iguais. As cartas dos vassallos geralmente são de pedidos afáveis de ajuda ou relatos detalhados a respeito de outras cidades-estados e reinos.

#### COLAPSO DO SISTEMA INTERNACIONAL

Por razões bastante discutidas por eruditos, esse período impressionante de integração, expansão e política da força foi interrompido de maneira abrupta. Da mesma forma que, de repente, todo o sistema surgiu no século XV a.C., ele se desmantelou quase por completo no início do século XII. A integração política e comercial garantia que grandes potências se formassem e fossem desmembradas mais ou menos ao

mesmo tempo. Obras monumentais de arquitetura, o comércio de longa distância, alianças políticas, a expansão demográfica e a alfabetização entraram em declínio ou deixaram de existir de forma bastante repentina na maioria das regiões. A riqueza caiu de forma drástica, como vemos nas tumbas e nos objetos funerários. O Oriente Próximo voltou a contar com o modelo já ultrapassado de cidades-estados de pequena escala durante aquilo que os eruditos chamam de Idade das Trevas.

Os estudiosos chegaram a propor três principais tipos de explicações: invasões externas, conflitos sociais internos e catástrofes naturais ou ambientais. Todos esses três aparecem em fontes disponíveis e, portanto, o consenso atual entre os eruditos tem sido o de aceitar explicações de causas múltiplas, em vez de procurar uma única causa. Os invasores mais famosos – apesar de não serem os únicos – eram os misteriosos Povos do Mar, que invadiram o Mediterrâneo oriental, o Egito e o Egeu. Podemos ter uma noção a seu respeito no registro do faraó egípcio Ramsés III (r. 1184-1153 a.C.) de seu bem-sucedido, e bastante breve, esforço de obstruir sua maré:

Os países estrangeiros armaram uma *conspiração* em suas ilhas. Todas de uma só vez, as terras foram retiradas e espalhadas na disputa. Terra alguma podia ser salva diante de seus ataques, desde os Hatti [hititas], Kode, Carquemish, Arzawa e Alashiya [Chipre?], que foram interceptados *em [um momento]*. Um acampamento [foi montado] em algum lugar em Amor. Eles arrasaram seu povo e sua terra era como se nunca tivesse existido. Eles estavam se aproximando do Egito, enquanto as chamas eram preparadas diante deles. Sua confederação eram os filisteus, Tjeker, Shekelesh, Denye(n) e Weshesh, terras unidas. Eles puseram suas mãos e seus corações confiantes e fervorosos sobre as terras até o circundar da terra. “Nossos planos serão bem-sucedidos!”<sup>19</sup>

O desfecho do reino de Ramsés III nos oferece um exemplo perfeito da interseção dos três tipos de causas. Depois de, com sucesso, afastar um grupo de Povos do Mar (“eles foram arrastados, confinados e prostrados na praia, mortos e amontoados dos pés às cabeças”),<sup>20</sup> ele voltou para casa para enfrentar a fome no Egito e foi, finalmente, assassinado em uma conspiração no palácio. Os sacerdotes de Amon, então, formaram um estado teocrático fraco em Tebas durante a Idade das Trevas que estava por vir.

O império hitita entraria em declínio ao longo do curso de algumas décadas após 1200 a.C., provavelmente sob a invasão dos Povos do Mar, além de uma divisão interna – áreas periféricas extirpadas do

reino, rompendo seus juramentos e, assim, contribuindo para diminuir o fluxo de riqueza do centro, levando também uma importante presença militar (fig. 1.11). Ao mesmo tempo, os assírios e os babilônios estavam lutando contra os arameus do deserto.

No entanto, nem tudo era sombra e escuridão. Pesquisas arqueológicas recentes mostram que algumas áreas, na verdade, prosperaram durante a Idade das Trevas. Cidades-estados menores, por exemplo, conseguiam desfrutar de uma nova sensação de autonomia e liberdade em relação aos reinos maiores que, o ano inteiro, os tornava subservientes em sua posição de vassalos. Alguns lugares, como, por exemplo, partes do Chipre, na realidade, tiveram um período de crescimento nessa época. Uma série de reinos menores, conhecidos como os neo-hititas, continuou a praticar a cultura hitita na Anatólia e no norte da Síria. No Oriente Próximo, o declínio foi comparativamente menor, já que a decisão foi se mudar para o leste do Eufrates.

Em alguns poucos casos famosos, as privações relativas da Idade das Trevas forçaram os humanos a inovar de algumas formas mais abrangentes e influentes, o que os obrigou a deixar sua rotina de tranquilidade. O ferro começou a se espalhar durante esse período por uma razão bastante prática. Conhecido durante a Idade do Bronze pelos hititas e também por outros povos, o material era usado somente com propósitos decorativos. Ninguém ainda havia desenvolvido uma tecnologia para a produção de ferramentas e armas de grande utilidade. O bronze, naturalmente, era o metal de preferência, embora fosse mais leve, mais caro e mais difícil de ser trabalhado. O ferro, ao contrário, era facilmente encontrado em todo o Oriente Próximo e, diferentemente do bronze, sua produção não dependia de redes de comércio de grande escala. Tecnologias necessárias para a fundição do ferro foram desenvolvidas nos séculos XII e XI, chegando inclusive a produzir aço. O produto era muito mais resistente do que o bronze e podia ser totalmente produzido de forma local e com um custo muito mais acessível e, evidentemente, o período após o colapso da Idade do Bronze é geralmente chamado de a “Idade do Ferro”.

O desaparecimento ou a retração extrema dos sistemas de escrita durante a Idade das Trevas também estimulou o desenvolvimento de uma das invenções mais significativas da história – o alfabeto. Assim como o ferro, a ideia do alfabeto já existia no período anterior, mas ele não era muito usado. Seu primeiro uso importante e extensivo foi realizado pelos fenícios (como será discutido no Capítulo 3), um povo do Levante. O alfabeto era um sistema mais simples do que a escrita cuneiforme da

19. Pritchard, ANE, 185.

20. Pritchard, ANE, 186.



**1.11. Guerreiros lutando a bordo de navios: batalha naval contra os Povos do Mar. Erich Lessing/Recurso de Arte, NY.**

Mesopotâmia e os hieróglifos do Egito, e podia ser aprendido com um treinamento menor e uma infraestrutura educacional muito mais prática, o que o tornava adequado a um período de colonizações de menor escala. Seu uso logo se espalhou muito além dos fenícios, em especial no Ocidente. Assim como no início de nossa história, um desafio básico exigiu uma profunda criatividade.

Após o hiato da Idade das Trevas, antigos impérios posteriores continuaram a crescer – crescer cada vez mais –, muito além do que aconteceu na Idade do Bronze. A síntese de ideologia, economia, força militar e política fica muito mais explícita e evidente por meio de uma abundância comparativa de fontes visuais e escritas, além de seu material arqueológico. Os modos de resistência e reação ao imperialismo e à expansão se tornarão extensivamente documentados e, ao que tudo indica, muito mais variados. Contudo, os padrões básicos de controle e domínio por um grupo em relação a outros parecem consideravelmente semelhantes. Se isso aconteceu principalmente em

função de exemplos deliberados tirados de impérios passados – como a maioria dos impérios subsequentes demonstra de modo explícito – ou pelo fato do imperialismo ser um resultado inevitável da vida urbana é uma questão que se esconde logo abaixo da superfície de todo este estudo.